

Alice da Silva Brito Pereira
Julia Gomes da Silva Borges

Daniele da Silva Brito Pereira
Eliane Gomes da Silva Borges

MENINAS NEGRAS:
A HISTÓRIA
DO MEU BLACK



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Meninas negras [livro eletrônico] : a história do meu black / Alice da Silva Brito Pereira...[et al.]. – 2. ed. – Niterói, RJ : Ed. dos Autores, 2023.
PDF

Outras autoras: Julia Gomes da Silva Borges, Eliane Gomes da Silva Borges, Daniele da Silva Brito Pereira.

Bibliografia.
ISBN 978-65-00-79714-5

1. Cabelo - Aspectos sociais 2. Cultura afro-brasileira 3. Negros - Identidade racial 4. Penteados 5. Penteados afro I. Pereira, Alice da Silva Brito. II. Borges, Julia Gomes da Silva. III. Borges, Eliane Gomes da Silva. IV. Pereira, Daniele da Silva Brito.

23-171132

CDD-305.896

Índices para catálogo sistemático:

1. Cabelos : Cultura afro-brasileira : Identidade racial 305.896

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1 /3129

MENINAS NEGRAS: A HISTÓRIA DO MEU BLACK

Apoio:



em convênio com **PUC**
RIO

Meninas Negras: a história do meu black

VOLUME 2

ANO: 2023

Autoria:

Alice da Silva Brito Pereira
Julia Gomes da Silva Borges
Daniele da Silva Brito Pereira
Eliane Gomes da Silva Borges

Autoras convidadas:

Ada Bazan e Marie Cavalier-Bazan.

Capa:

Adilson Adão

Contra-capas:

Irene Rizzini e Viviane Manso Castello Branco.

Ilustrações:

Adilson Adão, Alice da Silva Brito Pereira e Julia Gomes da Silva Borges.

Escuta das crianças, apoio e tradução de textos:

Eliane Gomes da Silva Borges

Diagramação:

Leonardo dos Santos Silva

Edição:

Carolina Terra

Colaboradoras(es):

Ada Bazan, Adilson Adão, Carolina Terra, Claudia Mascarenhas, Cynthia Ozon, Dilma Cupti, Irene Rizzini, Júlio Cesar Brito Pereira, Leonardo dos Santos Silva, Maria Cristina Bó, Marie Cavalier-Bazan, Milton de Souza Borges e Viviane Manso Castello Branco.

Instituição apoiadora:

Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a

Infância (CIESPI/PUC-RIO)

Revisão adulta e infantil:

Eliane Gomes da Silva Borges e Julia Gomes da Silva Borges

Revisão textual e literária:

Antonio Firmino, Cristina Porto, Cacilda Accado, Claudia Mascarenhas, Cynthia Ozon, Irene Rizzini, Marcos Diniz, Maria Cristina Bó, Nathercia Lacerda, Viviane Manso Castello Branco.

Agradecimentos especiais:

Irene Rizzini, Maria Cristina Bó, Cynthia Ozon e Carolina Terra.

Agradecimentos pelas formas de apoio, motivação e afeto:

Ada Bazan e Marie Cavalier-Bazan, Adilson Adão e Artur Adão, Antônio Andrade, Antonio Firmino, Aparecida Rodrigues de Jesus, Cacilda e Marco Accado, Claudia Mascarenhas, Clarisse Lopes, Cristina Porto, Crysiane Miranda, Danielle e Ana Bazhuni, Debora e Matheus Masqueti, Dilma Cupti e Maria Fernanda, Elizabeth e Nicolas Oliveira, Iara Francisca da Silva, Júlio Cesar Brito Pereira, Leyla e Camila Lima, Jaqueline Andrade, Leandro Castro, Leonardo dos Santos Silva, Maria Lucia Lara, Maria Iraci Gomes, Mariana Vasconcellos, Malcolm Bush, Marcos Diniz, Marco Antonio e Maria Clara Gesteira, Milton de Souza Borges, Nathercia Lacerda, Raquel e Mel Dias, Renata Brasil, Simone Valadares, Viviane Manso Castello Branco e Wallace Lino. Ao Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESPI/PUC-RIO).

In memoriam:

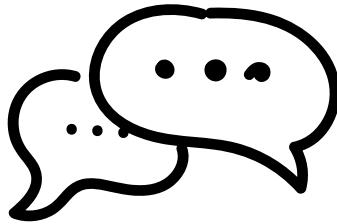
Jorge de Oliveira Pereira, Maria Aparecida de Souza, Marina Paula da Silva, Maria Ester da Silva, Licéa e Waldo N. de Souza, Zelia Moreira.

O conteúdo deste livro tem expressa autorização das responsáveis legais das crianças envolvidas.

Agradecemos a cada pessoa que fez parte de várias formas dessa criação!

SUMÁRIO

Introdução - <i>Eliane Gomes</i>	06
Sobre as autoras - <i>Cynthia Ozon</i>	10
Cabelo armado? Que qué isso? - <i>Alice da Silva</i>	16
Encaracolado - <i>Julia Gomes</i>	24
Cachinhos, olhos puxados e pente quente - <i>Eliane Gomes</i> . . .	35
Medo de que? - <i>Daniele da Silva</i>	47
Cabelos pelo mundo - <i>Alice, Julia, Daniele e Eliane</i>	55
Todo mundo tem cabelo igual ao meu? - <i>Ada Bazan</i>	58
Meu black - <i>Marie Cavalier-Bazan</i>	64
Meninos também têm black - <i>Alice, Julia, Daniele e Eliane</i> . . .	72
Para crianças e adultos - <i>Alice, Julia, Daniele e Eliane</i>	75



iNTRODUÇÃO

Resolvemos escrever esse livro em uma conversa entre amigas sobre histórias de nossos cabelos. A conversa foi pelo telefone porque nesse momento, Fevereiro de 2021, está acontecendo uma pandemia no mundo inteiro por causa de uma doença chamada Covid-19. Alice tem 7 anos e Julia tem 10 anos e estão isoladas para se proteger dessa doença. Elas saem de casa só quando precisam muito. Eliane tem 41 anos e Daniele tem 38 anos e trabalham normalmente porque cuidam da saúde das pessoas.

Nesse livro vamos contar algumas histórias para dividir com outras crianças e também com adultos. São histórias que aconteceram nas nossas vidas. Mas também são histórias que precisam ser mudadas.

Nós resolvemos chamar esse livro de *Meninas negras – a história do meu black*. Para nós a palavra NEGRA é FORTE e IMPORTANTE para afirmar que todos e todas são iguais, mesmo sendo diferentes... A palavra black é em inglês e tem um significado importante porque lembra de uma história legal quando pessoas negras libertaram seus belos cabelos para ter sua liberdade como pessoas.

Você pode procurar saber ou perguntar a uma pessoa adulta sobre a história do Movimento Negro e do Movimento Black Power. Também seria bem legal saber sobre o Movimento Feminista. Muitas pessoas jovens negras hoje em dia usam a palavras "preta" para se identificar e se valorizar.

Esse livro também é uma mensagem sobre o respeito a todas as diferenças. A cor da pele, o tipo de cabelo, o formato e tamanho do rosto e do corpo, a origem da família desde os tataratataratataravós, a cultura de cada povo, como, por exemplo, os indígenas, o jeito de ser de cada pessoa e até o lugar onde a pessoa mora ou outras diferenças precisam ser respeitadas e não discriminadas.

Discriminar quer dizer ver algo ou alguém diferente de você e deixar de lado, só porque não é igual a você ou não é do jeito que você gostaria. Existem, infelizmente, muitas formas de discriminação e muitas histórias que merecem ser contadas para mudar o mundo.

Nesse livro nós, meninas negras, contamos histórias sobre nossos cabelos. São histórias de racismo que é uma discriminação por causa da origem da pessoa e de sua aparência. Também tem uma história de uma menina de origem diferente da nossa e que tem um cabelo encaracolando o mundo. E,

lembramos dos meninos, que também têm black!

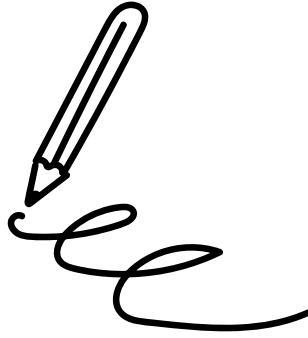
Alice e Julia que fizeram os desenhos das histórias!

Enquanto escrevíamos esse livro ouvimos muitas outras histórias de crianças que viveram momentos difíceis e precisaram aprender o que fazer. Vamos contar outras histórias em novos volumes desse livro?

Esse livro é para **TODAS AS CRIANÇAS E PARA TODOS OS ADULTOS** que já passaram por alguma coisa parecida com as histórias que contamos. Às vezes porque você chorou ou às vezes porque você fez alguém chorar. O importante é que nossas histórias possam contribuir para cada pessoa olhar para si mesma. Para pensar sobre o que precisa fazer de melhor para que um dia o mundo todo sorria.

Essas histórias são de nossos corações (Alice, Julia, Daniele e Eliane) para cada menino e menina, pequenos/pequenas e grandes, desejando novas histórias de liberdade e respeito. Este livro quer celebrar muitas e diferentes belezas!

- *Eliane Gomes*



SOBRE AS
AUTORAS

Este livro tem duas autoras crianças e duas mães. Isso não é por acaso. Daniele e Eliane trabalham há bastante tempo cuidando de pessoas que não têm seus direitos respeitados no nosso país, o Brasil: direito à saúde, à educação, além de outros. Daniele é agente comunitária de saúde e Eliane é assistente social. Elas trabalham para garantir saúde, voz e vez para crianças, adolescentes e mulheres, muitas delas negras, como elas.

As duas tiveram filhas lindas e muito espertas, a Alice e a Julia. Aprendendo com suas mães e com suas próprias experiências, elas também querem contribuir para que outras crianças sejam felizes com seus cabelos, tons de pele e outras belezuras mais.

Foi a Alice que começou essa ciranda. Ela ouviu alguém falar de seu cabelo de um jeito que a deixou triste e botou a boca no mundo. Falou com a Daniele, que falou com a Eliane, que falou com a Julia. A Julia, com muita alegria, disse para a Alice: seu cabelo é lindo e maravilhoso, igual ao meu. E ela respondeu: Nós duas somos lindas!

Todas ficaram emocionadas e lembraram de momentos em que também se sentiram tristes e deram a volta por cima. Foi daí e de outras andanças destas meninas negras que surgiu a ideia: Vamos contar nossas histórias? Com a palavra então, nossas autoras...

- *Cynthia Ozon Boghossian*

ALICE (7 ANOS)

Oi! Eu sou a Alice: uma menina muito esperta e muito alegre. Eu gosto muito de brincar com a minha mãe e o meu pai no dia-a-dia.

O que eu não gosto é quando os meus amiguinhos me chamam de chata, porque a minha amiga me chamou. E eu também não gosto de doce, eu nunca gostei de doce.

Eu quero no futuro ser médica para cuidar dos meus amiguinhos e dos meus pais.

JULIA (10 ANOS)

Olá! Eu sou a Julia e o que eu mais gosto de fazer é brincar! Gosto muito de pular, correr e brincar de todos os piques (pique pega, pique esconde). Também gosto de ver filmes e séries de televisão, ler e fazer artesanatos. Eu sou extrovertida e engraçada.

O que eu mais detesto nesse momento é a pandemia. Mas eu também não gosto de pentear o cabelo.

Eu quero no futuro trabalhar é óbvio, fazer uma faculdade, comprar uma casa. E VIVER!

DANIELE (38 ANOS)

Meu nome é Daniele. Eu adoro chocolate e adoro estar com a minha família e com os meus amigos.

Eu não gosto de violência e de preconceito, são duas coisas que mexem muito comigo. Quando eu percebo que alguém age com o outro com preconceito de qualquer tipo, isso me machuca.

E a violência também porque, por exemplo, quando nos tiram o direito de ir e vir...isso me frustra muito.

Uma coisa que eu espero para o futuro é realizar alguns sonhos que ainda não foram realizados, ser feliz, ter saúde para ver minha filha Alice crescer e ter o futuro que ela deseja.

ELIANE (41 ANOS)

Oi eu sou Eliane e também me chamam de Nane e de Lili. Eu gosto muito de dormir (que é uma coisa que eu quase não faço), de comer chocolate e de ir à praia. Também gosto de ler e de brincar com minha filha Julia. Eu sou animada e gosto de sorrir para as pessoas!

Não gosto que mexam no meu cabelo e também não gosto de cebola!

Mas as duas coisas que eu mais detesto são mentira e injustiça. Eu procuro defender as pessoas sempre que posso.

No futuro eu quero realizar sonhos que alimento todos os dias. Vou realizando muitos, mas estou sempre com um sonho novo!

História 1

Cabelo armado?
Que qué isso?

Em 2013 chegou ao mundo a Alice. Uma bebezinha muito desejada e amada. Seus cabelos eram cacheados, lindos e macios. Ela foi crescendo e também seu cabelo que foi mudando aos poucos. Devagar ele foi ficando crespo e bem cacheadinho.

Quando Alice fez 6 anos e foi para a escola ela conheceu outras crianças e suas amiguinhas tinham outros tipos de cabelo. Muitas meninas tinham cabelo grande.

Ela pensou que também queria ter um cabelo grande e que balançasse. Por que os cachinhos dela eram grudadinhos uns nos outros?

Ela falou para sua mãe:

-Mamãe eu quero ter cabelo grande!

A mamãe da Alice tentou de vários jeitos explicar para ela que precisava esperar um tempinho para o cabelo dela crescer mais.

- Mas mamãe eu quero que meu cabelo balance igual ao cabelo das minhas amiguinhas!

E cada dia que passava era mais difícil para Alice esperar o dia que o cabelo dela também ia balançar. Seus cachinhos continuavam enroladinhos na sua cabeça.

Então, ela não parava de falar com sua mãe sobre o assunto. E sua mãe, preocupada com a insistência da Alice, procurou saber se poderia fazer algo para atender o desejo da filha mais rápido.

Foi assim que elas foram parar num salão de beleza que prometia cachos soltos e com balanço. Naquele dia Alice ficou muito animada no ca-

minho para o salão. Chegando lá, mesmo achando que estava doendo um pouquinho para pentear seus cachinhos, ela aguentou firme.

Naquele dia Alice saiu do salão tão feliz, mas tão feliz, que nem cabia dentro dela tanta alegria! No primeiro dia ela estava orgulhosa de seu cabelo solto e comprido. O cacheado estava lindo e balançava. A mamãe da Alice também ficou feliz por ver a sua pequena filha tão animada e satisfeita.



Mas, logo no dia seguinte a mamãe da Alice percebeu um aspecto diferente no cabelo dela. O tempo foi passando e alguma coisa nova e esquisita acontecia a cada dia. Primeiro o cabelo começou a ficar muito ressecado, e não havia água que desse conta dele! Não havia creme que melhorasse sua aparência!



Depois os cachos sumiram e o cabelo já não tinha mais forma de nada. E Alice só amarrando o cabelo.



Até que um dia, depois de muita conversa, a mamãe da Alice cortou o próprio cabelo para mostrar para ela que tinha um jeito de tentar resolver aquele problema: deixar que um novo cabelo viesse da natureza! Afinal cabelos crescem!

Alice não queria cortar o cabelo... Mas ela fechou os olhinhos e deixou a mamãe cortar.



Assim, a pequena Alice ficou com o cabelo bem curtinho. Primeiro ela ficou um pouco triste, mas o cabelo foi crescendo natural, com a sua forma natural, com seus cachos naturais. Mas logo que tinha cabelo suficiente para conseguir prender... Alice começou a amarrar os cabelos!

Ela falava para sua mãe que seu cabelo era curto por sua culpa. Enquanto a mamãe da Alice todo dia dizia que lhe amava e colocava um laço bonito em formato de flor no seu cabelo.

A mamãe de Alice lhe dizia que ela era uma menina linda e que seu cabelo estava crescendo bem forte. Também dizia que ela podia ficar de cabelo solto, mas Alice não queria.



Até que um dia Alice começou a ter coragem de soltar o cabelo!!!



Agora Alice tem 7 anos e seus cabelos estão soltos! Ela tem um cabelo volumoso, lindo e grande. Não é tão comprido, mas balança!

Ela gosta muito do seu cabelo e tem orgulho dele agora! Ela aprendeu que cada um tem um tipo de cabelo e isso não é ruim. Mas é importante gostar e cuidar do seu próprio cabelo.

Na escola uma menina lhe disse outro dia:

- Alice, seu cabelo é armado!

Alice não entendeu e não soube o que responder para a menina. Mas ficou pensando naquilo: O que aquela palavra tinha a ver com seu cabelo?

Ela teve vontade de responder, mas não sabia o que dizer. Alice nem sabia se seu cabelo era armado ou não.

Chegando em casa ela perguntou:

- Mamãe! A menina na escola falou que meu cabelo é armado?! Que qué isso?

Na mesma hora a sua mamãe lhe explicou o que é um cabelo armado.

Alice não perdeu tempo e no dia seguinte procurou a menina da escola para responder! Agora já sabia o que era um cabelo armado!

Virou-se para a menina e com orgulho disse:

-Sim! Meu cabelo é armado! Eu sei que cabelo armado é bonito, volumoso, cheio! Então, eu sei que meu cabelo é bonito sim!



**AGORA, ALICE É A
ALICE DE VERDADE!**

Essa história é da Alice.



História 2

Encaracolado

Essa é a história do primeiro dia de aula da Julia e aconteceu no ano de 2017 quando ela tinha 6 anos. Mas essa também é a história de muitas outras crianças do mundo que passaram e ainda passam pelo que Julia passou.

Julia foi para a escola toda feliz no seu primeiro dia de aula: era o seu primeiro ano quando as crianças começam a aprender a ler e escrever.

Tudo era diferente porque ela nunca tinha estudado numa escola. Mas sabia escrever seu primeiro nome, conhecia muitas cores e sabia contar até 25 porque a mamãe tinha ensinado. Ela adorava brincar com as amiguinhas na creche onde ficava desde pequenininha enquanto seus pais trabalhavam. Então, com certeza estava animada para aprender coisas novas e fazer novos amigos. Ela sentia muita emoção e felicidade naquele primeiro dia de aula.



Mas, o que ela não sabia era que pessoas que ela ainda não conhecia podiam estragar aquela felicidade toda.

Durante a aula tudo estava normal. Julia achava que a professora parecia com a sua mamãe porque ensinava com paciência e calma. Ela achava isso bom porque conseguia ficar confortável e segura. A professora disse na sala:

-Por favor, todos prestem atenção porque essa dúvida também pode ser a de vocês.

Julia ficou com uma dúvida e a professora pediu atenção. Ela ficou com frio na barriga porque todo mundo olhou para ela naquela hora.



Mesmo assim ela conseguiu falar bem baixinho. Ainda com vergonha porque não conhecia ninguém. Na turma só tinha ela e a Magali de alunas

novas. As outras crianças já estudavam na escola antes e já se conheciam. Mas tudo bem. Ela ainda estava feliz. Só que isso foi até a hora da aula de educação física. Aí foi a pior parte do dia.

Julia era tímida, mas mesmo assim fez amizades, principalmente com Ana e Magali. Mas tinha duas meninas que pareciam um pouco estranhas: Mariana e Luana. Julia viu algumas vezes que as duas olhavam para ela e cochichavam. Mas não deu atenção.

Ana perguntou para a Julia na hora da aula de educação física:

-Julia, você que fazer amizade com quem que está aqui?

-Com todo mundo! – Julia respondeu.

-Até com Billie? – Ana apontou para um menino que não falou nada, mas as bochechas dele ficaram rosas.



Nessa hora mais uma vez a turma parou e olhou para Julia, mas todos estavam rindo. Rindo dela e não com ela.

Julia ficou muuuuuuito envergonhada e seu coração acelerou. O professor de educação física fez um longo:

-Shhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh

E quando a turma parou de rir ele disse:

-Pra quem não conhece ainda quero apresentar a Julia, uma das alunas novas.

Julia que estava sentada na rodinha que o professor fez, ainda estava congelada pelas risadas. Estava de olhos arregalados querendo sair correndo para casa. Mas ela não podia fugir da escola.

Naquele momento ela não entendeu que deveria ir até o professor quando ele falou seu nome. Era seu primeiro dia de aula e ela não sabia muito o que fazer. Aí o professor ficou lá em pé, sem se mexer e calado, esperando Julia fazer alguma coisa. Mas ela não sabia o que fazer.

E de novo a turma riu. A coisa não melhorava...

Mas, olhando lá no fundo dos olhos do professor, Julia achou que deveria fazer alguma coisa e pensou:

-Será que é pra eu ir lá perto dele? – Correu para fazer isso...

E não é que era isso mesmo? Julia foi lá e parou do lado do professor que para ela era tipo um poste de tão alto.



Nessa hora duas meninas disseram:

-Olha lá o cabelo dela! – disse Mariana.

-Cabelo duro! – disse Luana.

Ana arregalou os olhos e colocou a mão na boca assustada. Mas o professor não pareceu se assustar porque ele estava sorrindo e apenas fez de novo:

-Shhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh

Então, Julia escutou a voz dele lá do alto saindo entre os dentes:

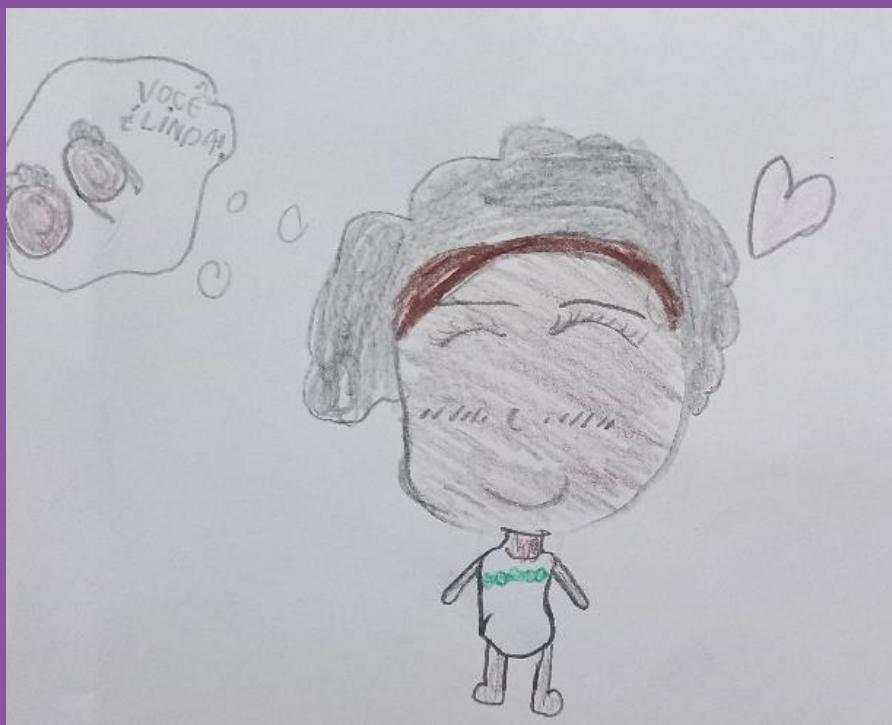
-Diga "OI"!

Julia obedeceu e acenou para a turma. Correu de volta para seu lugar levando um sorriso seco e apertando os dentes.

Em seguida o professor chamou a outra aluna nova para se apresentar e logo começou a dar aula.

Foi aí que Julia percebeu que o professor não prestou atenção no que Mariana e Luana disseram.

Julia lembrou da sua mãe e do seu pai dizendo para ela que cada um tem um jeito de ser. Que as pessoas são diferentes, mas são lindas do jeitinho que são. E que ela é linda, do jeitinho que ela é.



Então, ela resolveu não dar tanta atenção para aquelas duas meninas. Ela entendia e gostava do seu lindo cabelo encaracolado!

E não é que as meninas não incomodaram a Julia durante o restante do dia? Mas isso foi só o primeiro dia de aula.

Em casa ela apenas disse que o primeiro dia de aula foi legal. Julia ainda não sabia, mas tinha muitas outras histórias para vir.

Julia hoje tem 10 anos e ela diz que naquele momento ainda não sabia que aquilo tudo era muito errado. Ela diz que foi aprendendo o que fazer e agora sabe que ignorar as pessoas é tão feio quanto maltratar alguém por causa da cor de pele ou por causa do seu cabelo.

**JULIA É FELIZ
COM SEU CABELO
ENCARACOLADO!**

Essa história é da Julia.

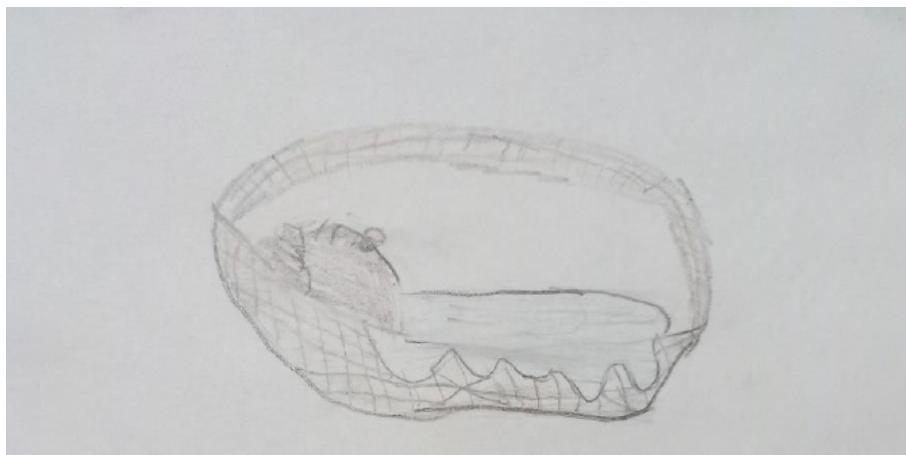


História 3

**Cachinhos,
olhos puxados
e pente quente**

Oi pessoal! Eu sou a Lili e nasci em 1980. Quando eu era pequena minha mãe fez um ninho de amor para mim. Era um lugar quentinho e confortável e eu passeava nele com minha mãe em lugares que eu não me lembro. Era um cesto de palha.

Um dia minha mãe parou num lugar bem legal onde eu cresci e fui muito amada. Ela trabalhava naquele lugar onde também dormia, comia e cuidava de mim. Ganhei um lar e uma família nova agora com minha mãe, um tio e uma tia. Eu ainda era uma bebezinha e não tinha tanto cabelo.



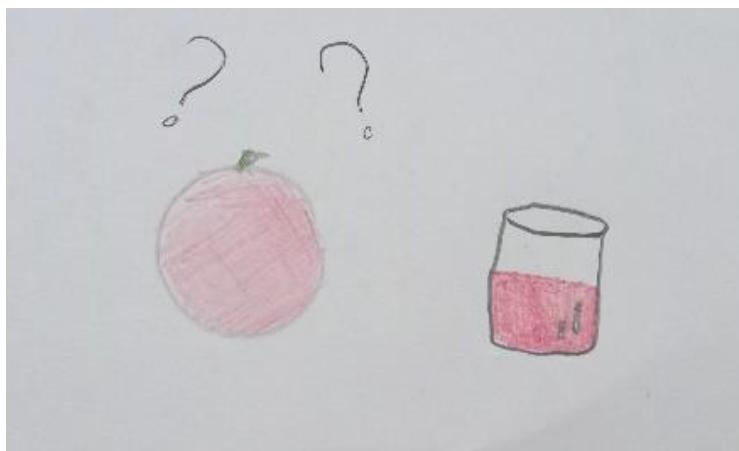
Eu fui crescendo e escutando da minha mãe e da família que ganhei que eu era linda e que os meus cabelos de cachinhos castanhos, que cresciam comigo, eram muito bonitos.

Quando fiz 5 anos fui para o Jardim de Infância. Lá a tia Adélia, que tinha cabelos lisos, amarelos e bem fininhos, era muito carinhosa. Todos os dias

ela elogiava os meus cabelos. Eu adorava aquela vida e brincava muito lá com todas as crianças.

Na hora do lanche tinha um suco muito gostoso que eu chamava de suco de tomate. Eu contei sobre o suco para uma amiguinha chamada Dinha, que tinha cabelo de índia, e eu já conhecia da pracinha do bairro. Dinha me respondeu:

- ECAAAA! Suco de tomate!?



Eu insistia para ela experimentar o suco dizendo que nem tinha gosto de tomate. Mas nunca deram meu suco de tomate para ela no lanchinho. Só depois de um tempo a gente descobriu que o meu suco de tomate se chamava mate! Hoje em dia eu tenho 41 anos, somos amigas e ainda rimos muito dessa história!

Bem, um dia, de repente, eu não entendi nada, mas minha mãe falou

que eu não ia mais para o Jardim. Não fazia sentido para mim, mas ela me disse que eu ia mudar de escola porque tinha que aprender a ler e escrever. Eu fiquei triste, mas não teve jeito.

Quando eu mudei de escola não me lembro de brincar, sorrir e gostar do meu cabelo. Nenhuma amiguinha do Jardim de Infância estava na escola nova. Meu cabelo já não era tão bonito para ninguém. E nem para mim.

O tempo foi passando e minha mãe precisava cada dia mais prender meus cachos num rabo de cavalo para controlar meu cabelo. Eu já não gostava tanto dele. Durante o dia eu ia virando um porco espinho com os cabelos espetados na frente. Eu reclamava com minha mãe quando chegava em casa:

- Esse cabelo vive em pé! Não quero mais esse cabelo!



As outras crianças riam de mim na escola. Eu não tinha amigas na turma e vivia sozinha. Hoje em dia tenho muitas amigas. Porém, não tenho amigas daqueles primeiros anos de escola como a Dinha que era da pracinha e do Jardim de Infância.

Mas eu não contava nada do que acontecia na escola para a minha mãe. Só reclamava que o meu cabelo ficava em pé!

Minha mãe se esforçava para me fazer feliz e me fazer lembrar da cestinha de palha. Com muito afeto ela penteava meu cabelo com um rabo de cavalo todos os dias. Lá viviam os meus cachinhos presos.

No final do penteado meus olhos estavam puxados até as orelhas de tanto que ela escovava para trás tentando sossegar o tal do cabelo em pé.



Aquele penteado me acompanhou durante muitos anos. Eu me incomodava com o jeito que as outras crianças olhavam para mim. Lembro de ficar sozinha na sala de aula, na hora do lanche e no recreio também.

Na hora do almoço nunca tinha lugar para mim nas mesas com as outras crianças. Um dia uma tia que trabalhava na cozinha da escola me perguntou por que eu só pegava o prato por último e às vezes nem comia. Respondi que os fura fila não deixavam: me empurravam e passavam na minha frente. Às vezes eu chegava atrasada de volta na sala de aula e ainda levava uma bronca.

No dia seguinte a tia da cozinha estava na fila organizando tudo! Naquele dia ela não deixou ter furo na fila com sua voz de trovão e seu cabelo castanho que era curtinho, crespo e um pouco cheio. Me lembro bem que ela era alta e forte e piscou o olho para mim!

Depois de um tempo a minha professora, tia Regina, começou a me perguntar coisas que eu não sabia responder. Eu não sabia explicar por qual motivo ficava tão sozinha e não tinha amiguinhas. Ela me disse que eu era esperta e inteligente e me convidou para ser sua assistente. Eu ia na secretaria pegar giz, na quadra tirar a poeira do apagador e recolhia os trabalhos da turma na sala de aula.

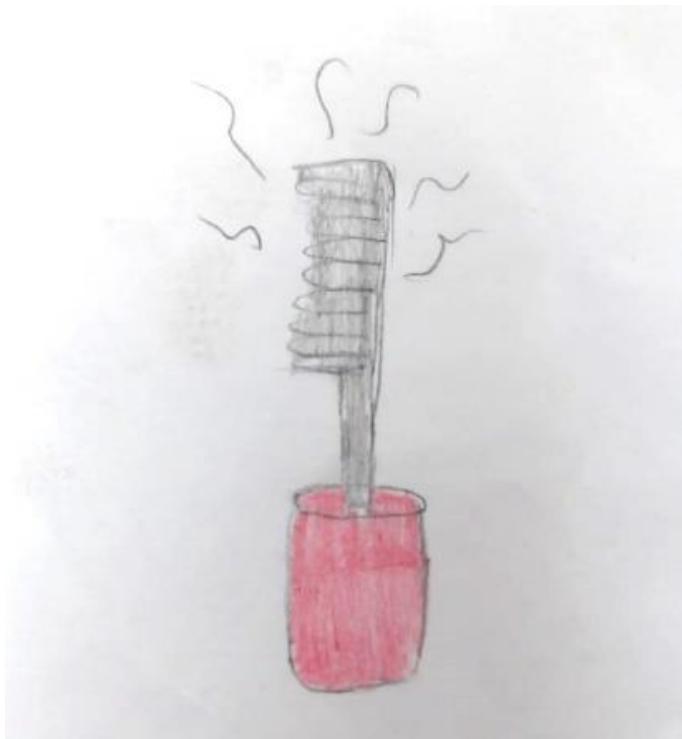
- Caramba! Que legal! – Eu pensava.

A tia Regina era bem baixinha e tinha uma voz de algodão doce. Seus cabelos eram castanhos, ondulados e curtinhos. Eu acho que ela queria me

ajudar de alguma forma, mas eu continuava sozinha e as outras crianças ainda não gostavam de mim.

Minha mãe já tinha percebido e falado sobre isso na escola, mas diziam para ela que eu era tímida.

Em casa meu penteado já tinha melhorado para domar os meus cabelos em pé. Agora minha mãe tinha um pente mágico: o pente quente!



O pente quente é da família do secador de cabelo e com certeza é bisavô da chapinha (um aparelho que serve para aquecer e esticar cabelos)! Só que o pente quente não tinha fio, era para esquentar no fogão mesmo.

Eu já não tinha mais os olhos puxados porque agora tinha as orelhas levemente queimadinhas! Eu me mexia na hora do penteado com o pente quente e minhas orelhas não escapavam mesmo com todo cuidado da minha mãe.

No dia de salão de beleza em casa - sem dinheiro para ir no salão de verdade - era um cheiro danado de cabelo queimado! O pente quente era muito útil porque ainda servia para matar piolho quando eles apareciam. Todo mundo pegava piolho na escola e eu não escapava claro.

Minha mãe usava no cabelo dela o pente quente e também um produto chamado Henê Pelúcia forte. O Henê deve ser tataravô do formol que é um produto que alisa cabelos!

Minha mãe não passava Henê no meu cabelo porque em criança não podia (e ainda não pode). Mas como ela era uma verdadeira especialista também fazia o cabelo de algumas amigas que iam lá queimar as orelhas também! Com o tempo minha mãe até comprou protetores de orelha que viviam caindo no chão. Hoje em dia minha mãe tem lindos cachinhos e acha muita graça desse tempo!

Tudo isso era para esticar os cabelos e matar os cachinhos...



Mas para mim as orelhas queimadas não valiam de nada se continuavam rindo de mim na escola.

Naquela época não tinha muita gente para se espelhar com cabelos livres, cachos soltos, tranças afro ou lindos turbantes enfeitando a cabeça. Nem pelas ruas e nem na escola. Nem na televisão e nem nas revistas. Nem mesmo nos desenhos animados.

Eu achava que as outras crianças da escola tinham um ninho bem diferente do meu e de outras crianças que brincavam comigo na pracinha do bairro onde minha mãe me levava. Eu não entendia as crianças da escola: Por que aprendiam ignorância ao invés de afeto? Afinal elas riam de outras crianças, falavam coisas ruins e faziam chorar.

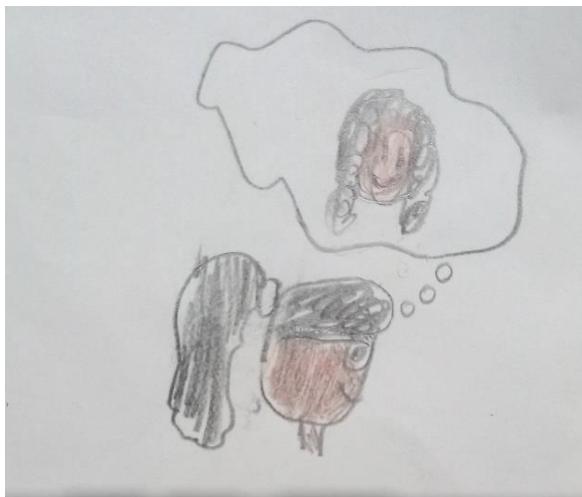
Quando eu passei para o 3º ano implorei para mudar de turma. Tinha adultos da escola que diziam para não fazer isso porque eu era uma ótima aluna e a turma que eu estava era muito boa. Mas eu disse que não ia mais

para a escola! Meu tio me perguntou o que estava acontecendo e tomei coragem para contar. Então, ele ajudou minha mãe e me trocaram de turma! Ele me disse para eu contar sempre que acontecesse alguma coisa ruim.

Na nova turma tinha muita criança levada, muitas mais velhas que eu e algumas tinham repetido de ano. Eu não ligava para essas coisas e quando acabava o meu dever ajudava todo mundo que pedia. A tia Rita me deixava ajudar e dizia que era bonito fazer isso. Ela tinha fama de brava e era muito elegante. Ela tinha os cabelos lisos talvez penteados por alguma especialista igual minha mãe, mas nunca consegui ver se ela tinha orelhas queimadas.

Eu estava numa turma com crianças que tinham cabelos tão parecidos com o meu que isso nem era assunto. Eu até esqueci de me preocupar com o meu cabelo em pé. Uma amiguinha um dia me disse:

- Por que você não solta seu cabelo? Ele é cheio. Vai ficar mais bonito solto.



Então, os longos dias de pente quente e cabelo em pé estavam quase acabando.

Às vezes meu cabelo me fez rir e outras vezes me fez chorar porque eu me via pelos olhos e pelas opiniões dos outros que não eram boas para mim. Assim, muitas histórias aconteceram com meu cabelo até eu conseguir me ver no meu próprio espelho. Até eu conseguir ser feliz por ser quem eu sou e como eu sou.

**SALVE MENINAS
CACHEADAS!
SALVE MAMÃE!
SALVE TIO E TIA!
SALVE ADULTOS QUE
ESCUTAM AS CRIANÇAS!**



Essa história é da Eliane



História 4

Medo de que?

Oi! Eu sou a Dani e nasci em 1982. Eu sou tímida para falar de mim mesma, mas quero muito contar para vocês a história do meu black.

Me lembro de ter cabelos amarelos quando eu era criança. Eles faziam uma combinação diferente com a cor da minha pele que não é branca. Nasci com cabelo macio e todo mundo gostava dele! Pelo menos eu achava que gostavam.

A minha avó e minha madrinha cuidavam de mim e eu não tinham problemas com meu cabelo. Até que um dia minha mãe mudou essa história com uma atitude que ela achou que ia ser boa.

Eu tinha 5 ou 6 anos e minha mãe resolveu passar um produto chamado Henê no meu cabelo. Ela passava esse produto no próprio cabelo para amaciar ou alisar. Minha amiga Lili diz que o Henê é tataravô do formol que é um produto para alisar cabelos que não pode passar em cabelo de criança.



Minha mãe não gostava muito do meu cabelo amarelo. Ele era um cabelo cheio, mas não era ressecado. Eu não entendia muito bem sobre esse assunto, mas me lembro que não queria mudar o meu cabelo.

Ninguém concordava com essa invenção da minha mãe até porque o tal do produto nem era para cabelo de criança.

Um dia quando minha avó chegou em casa o meu cabelo já era outro! Brigaram com minha mãe, mas já estava feito. Ela passou um Henê incolor, mas mesmo assim não pareceu que deu muito certo. E ela achando lindo!



Mas a cada dia o cabelo foi ficando mais ressecado e sem forma. Eu cresci tentando lidar com isso e foi bem difícil. Nunca mais meu cabelo foi o mesmo.

Eu fui crescendo e queria o meu cabelo grande. Tentava arrumar vários jeitos, mas nada do que eu fazia ficava bom para mim. Eu via os cabelos de outras meninas e então eu também queria o meu igual. Mesmo que não pu-

desse passar vários produtos em cabelo de criança eu ia crescendo e experimentando coisas para dar um jeito de ficar bom. Mas o bom para mim nunca chegava!

Algumas pessoas falavam para eu cortar o cabelo e dessa forma aquele monte de produto sairia de mim. Mas era impossível que eu cortasse o cabelo! Meu cabelo não saía da altura do meu pescoço... Se eu queria cabelo grande, como ia cortar não é mesmo?

Eu não cortava de jeito nenhum! Eu tinha medo do meu cabelo não crescer, de não ficar com um corte legal. De ficar pior. Eu era apegada nessa ideia.

Hoje eu olho minhas fotos antigas e nem acho que o cabelo grande ficava tão bonito em mim. Não tenho lembrança de outras crianças falando mal do meu cabelo ou me maltratando na escola por esse motivo. Mas mesmo assim eu não me senti bem com meu cabelo por todo o tempo que fui criança.

Eu queria que meu cabelo ficasse de um jeito que era bom só na cabeça dos outros. Eu esperava que meu cabelo fosse de um jeito que não tinha jeito dele ser.

Cresci vendo que outras crianças tinham cabelos parecidos com o meu e algumas tinham uns penteados diferentes como tranças, por exemplo. Mas eu não tinha coragem de fazer nada que arriscasse cortar meu cabelo. Até que eu fiquei adulta e...

...continuei com medo! Acreditam?

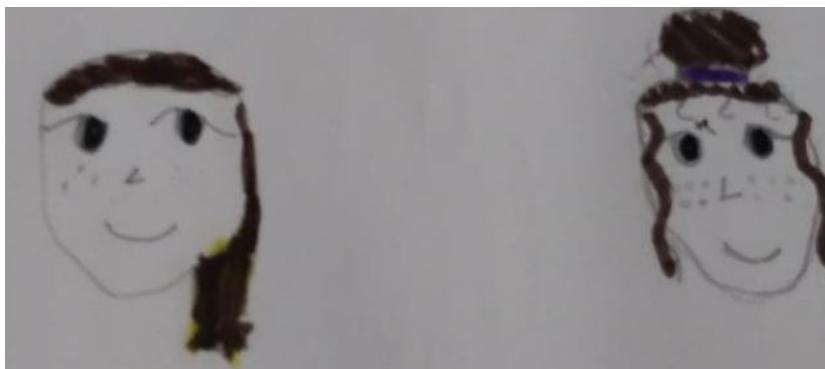
Esse medo só acabou quando eu já adulta fiquei 9 meses sem passar nenhum produto químico no meu cabelo porque estava esperando minha bebezinha nascer. Eu estava super feliz e me via tão linda no espelho que meu cabelo não me incomodava.



Quando a Alice nasceu tudo mudou! Nasceu junto com ela uma coragem de cortar o meu cabelo e eu CORTEI SEM MEDO!

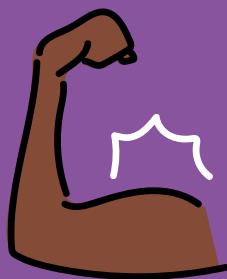
Meu cabelo não me decepcionou! Ele cresceu muito e até passou do meu pescoço! A novidade mesmo são os cabelos brancos, mas isso é uma outra história.

Hoje eu tenho 38 anos e meu cabelo é meu companheiro de aventuras depois que venci o medo. Eu corto, eu faço vários modelos de trança e incentivo as crianças e adultos que estão perto de mim a amar seus cabelos e a si mesmas.



Hoje meu espelho reflete minha natureza através dos meus cabelos e isso me deixa feliz e me encoraja para contar essa história.

**ACHO QUE EU
TINHA ERA
MEDO DO MEU
CABELO QUANDO
ERA CRIANÇA.
MAS ISSO ERA
BOBAGEM!**



Essa história é da Daniele



CABELOS PELO MUNDO

Aqui no Brasil são muitos os tipos de cabelo que encontramos em muitas cabeças diferentes não é mesmo? Somos um país que parece um pequeno retrato do mundo.

Em outros países, nesse mundo tão grande, existem várias pessoas com seus cabelos de diferentes cores, texturas, tamanhos e formatos.

Vamos contar a história da nossa amiga Marie que mora na Bélgica. Ela nasceu na França e sua pele e cabelos foram criados pela mistura das origens de sua família. A sua mãe se chama Ada e é peruana de fortes raízes de povos indígenas e seu pai se chama Jean-Michel e é francês de origem tunisiana e italiana. Uma família de muitas identidades e belezas.

Nós meninas negras contamos histórias de nossos cabelos no Brasil e pensamos que existem muitas histórias pelo mundo também. Então, convidamos a Marie e a Ada para participar dessa parte do livro. Elas duas parecem até que têm asas! Já passaram por vários lugares do mundo e até aqui no Brasil que é um lugar que elas adoram.

- Alice, Julia, Daniele e Eliane

"Todas as histórias de crianças do mundo
merecem ser ouvidas!" (Julia)



História 5

***TUDO MUNDO TEM
TABELA
IGUAL AO MEU?***

- Mãe, todas as crianças no mundo têm cabelo como o meu?
- liiii minha filha! O mundo é rico e diverso! Tem tantos tipos de cabelos e tantos grupos humanos no mundo todo! Então é muita gente! E muita gente diferente!
- É mesmo mãe?
- Sim! Essas pessoas têm cabelos claros, escuros... Às vezes eles são pretos, loiros, vermelhos, castanhos, verdes, amarelos, azuis!



- Ah, manhêêêê!
- Sim filha!!! Eles também são lisos, meio-lisos, encaracolados, enrolados ... incríveis! São incríveis como as próprias crianças!
- Que legal! Conta mais!

- Acontece que no mundo tem uma diversidade de grupos humanos e cada um deles tem suas línguas, costumes, jeitos de cantar, de dançar e de ver a vida. Assim, nos diferentes lugares do mundo as pessoas são diferentes também!

Existem pessoas grandes, pequenas, gordinhas, magrinhas, índias, pretas, brancas, de olhos grandes, de olhos pequenos. Muitas mais!!!

-Puuuuxa!

- Há muito tempo atrás saíram os primeiros navegantes da Europa explorando o mundo, dominando terras em vários países. Eles foram chegando nos lugares querendo dizer como as pessoas tinham que viver, se vestir, se pentear e até o jeito que tinham que pensar.

- Mas como era isso?

- Eles tinham um jeito: era um modelo de ser e de viver que todo mundo tinha que imitar!

- Nossa mãe! Todo mundo igual? Deve ter sido bem chato!

- Claro que nem todo mundo gostava e nem aceitava essa imposição. Imposição é forçar ou obrigar a pessoa a fazer alguma coisa.

- E o que isso tem a ver com cabelo mãe?

- Ah! Vou te falar: com o tempo as pessoas foram se encontrando e se misturando...E muita gente diferente começou a nascer! E os cabelos que não faziam parte daquele modelo foram aumentando e surgindo novos cabelos. Cabelos cada vez mais variados por causa dessas misturas!



- Isso é maravilhoso mãe!

- Só que o modelo não mudou filha! Ele continua por ai querendo mandar no comportamento das pessoas e nos cabelos delas.

- Iiihhh!

- Mas também continuam existindo pessoas como nós que aceitamos nossos cabelos como eles são. Nós que aceitamos e respeitamos nossas origens! Nós, minha filha, temos na nossa pele e nos nossos cabelos, a história de nossas mães e avós. São histórias de tantas mulheres que lutaram pela liberdade e por seus direitos. Elas fizeram o mesmo que você com seu cabelo: questionaram o modelo imposto!

- Agora eu gostei hein!
- Essas mulheres decidiram ser elas mesmas orgulhosas de ser as embaixadoras da sua história, fazendo de seus cabelos um ato de resistência!



**BRASILEIRAS, PERUANAS,
MARROQUINAS, TUNISINAS,
FRANCEÇAS, ESPANHOLAS...
SÃO MUITAS MENINAS E
MULHERES NO MUNDO QUE
TÊM CABELOS LINDOS COMO
VOCÊ MINHA FILHA!**

Essa história é da Ada.



História 6

MEU BLACK

Essa é a história de uma menina grande, bonitinha com os cabelos enrolados chamada Marie. Ela nasceu em 1991 na França. No Brasil, em português, o nome dela é Maria.

Um dia na escola ela ficou cansada porque ninguém penteava seus cabelos. Todas as amigas, com cabelos lisos, faziam fantasias com os cabelos, trançavam, colocavam chouchous, presilhas... uma maravilha!

E ela não achava jeito no seu cabelo. Maria sempre pensou que o cabelo dela parecia uma melancia de nuvens estranhas na sua cabeça...



Os cabelos da Maria ocupavam vários dos seus pensamentos, e ela se perguntava muitas coisas sobre esse assunto...

- Como é que eu seria se tivesse cabelo liso? Será que eu ia esquecer coisas? Será que eu mudaria meu jeito de ser?



- Será que o Rodrigo, que tem cabelo curto, tem cachos?
- Se o Titi deixasse seu cabelo comprido... ele teria barba?
- Se eu raspasse o meu cabelo será que ele cresceria liso? Ou de outra cor?...

Um dia Maria ficou com raiva de não ser tocada, que os meninos e as meninas só estavam de olhos nos cabelos bem lisos. Ela voltou para casa e fa-

lou com sua mãe que não suportava mais esses cabelos, que ninguém pode pentear!

Primeiro ela queria cortar todo o cabelo, mas isso não era uma solução porque cresceria de novo, e não se pode pentear cabelo se você se torna careca. Foi o que a mãe dela falou.

A menina pensou, pensou, pensou... E falou:

- Eu quero alisar meu cabelo, vamos pegar o ferro, e vamos passar meus cabelos!

A mãe achou muito engraçado! Então, juntinhas, elas começaram a alisar. Elas riram muito, mais o resultado não era o que a Maria esperava (Aliás, o ferro não estava ligado na tomada...).

Então, a mãe pensou:

- Vamos em um cabelereiro especializado em cabelos crespos!

A Maria ficou feliz com essa ideia e pronto: elas foram no cabeleireiro "Zezé Motta"!

A entrada do salão de cabelereiro era linda! Tinha várias fotos de mulheres e homens com cabelos e look incríveis! Ah! E a Zezé Motta é uma atriz brasileira negra e muito talentosa.

Maria sentou numa cadeira e a cabelereira foi perto dela e perguntou:

- Bom dia, minha linda! Oh!!! Mas que cabelos lindos você tem! Olha, com esses cabelos dá para fazer um monte de penteados. O que você gostaria?



A Maria ficou surpresa! Era a primeira vez que alguém que não era da família dela dizia isso! Ela respondeu:

- Você acha que meus cabelos são perfeitos para penteados?

A cabelereira disse:

- Você sabe de uma coisa cada pessoa tem o seu próprio cabelo. Ninguém escolhe. Mas o que eu tenho certeza é que os cabelos ondulados são uma imensa riqueza, são tantos estilos de cachos! Olha esse seu cacho!

Ela pegou uma mecha de cabelo da Maria e continuou a falar.

- Olha esse cacho: seria uma inglesa! Olha, e esse da frente é mais ondulado. Ah! Tantos cachos diferentes que não há palavra para chamar todas essas variações no cabelo! Você se dá conta!?

Maria escutava com muita atenção cada palavrinha. E a cabeleireira continuou:

- Eu penteei muitas pessoas, e sei... É verdade que os cabelos encaracolados são mais complexos de pentear, mas eu vou te dar umas dicas, porque no dia que você conseguir se apropriar do teu cabelo, ninguém vai te resistir!

A menininha ia descobrir que se "apropriar" do cabelo era o mesmo que cuidar e ter orgulho dele.

A Maria ficou surpresa e muito entusiasmada. Ela queria saber tudo ! Os produtos, o que usar, como pentear antes de dormir, quais são os penteados rapidinhos...

A cabeleireira lhe deu muitas recomendações, e falou que a Maria seria sempre benvinda no cabelereiro para observar como ela penteava para poder aprender. Naquele dia ela acabou fazendo um penteado lindo com pérolas douradas na Maria.

A menininha estava tão feliz, tão emocionada com esse encontro, que no dia seguinte na escola, ela não parava! Todos e todas admiravam o penteado da Maria. As menininhas de cabelos lisos não conseguiam fazer aquele mesmo volume nos cabelos delas. Esse volume que dava essa atitude de rainha! Com os cabelos lisos, sempre acabavam caindo.

E pouco a pouco ela aprendeu a se pentear e a se divertir com o seu cabelo!



A MARIA CRESCER E
A JUBA DE LEOA DELA
FICOU FAMOSA!



Roou-
oaar!!



ROOAR
!!!

Essa história é da Marie



MENINOS TAMBÉM TÊM BLACK

Os cabelos são parte de cada pessoa. E cada pessoa nasce com um tipo de cabelo e vai escolhendo como gosta mais dele. As meninas e os meninos têm cabelos! Alguns meninos escolhem usar o cabelo bem curtinho e outros preferem ser carecas, outros pintam os cabelos de cores diferentes. Outros deixam crescer e fazem tranças, rabos de cavalo e até coques. Alguns deixam os cabelos enormes e os vários tipos de cachos ficam livres. Alguns são crespos e outros lisos. Engraçado, igual às meninas, né?!

Muitos dos cabelos crespos ou cacheados são penteados com tranças ou têm dreadlock ou black power e outras formas muito criativas e originais que expressam a personalidade de cada um e cada uma!

Nós meninas negras, que escrevemos este livro, conhecemos muitos meninos negros. Conhecemos o Nick que é pequeninho, tem o cabelo cacheado e grande. O pai e a mãe dele cuidam do seu cabelo. Ensinam ao Nick sobre ser forte e bonito como é seu cabelo. O Din é sobrinho do nosso amigo Junior e ele também é pequenino, mas a mãe dele corta seus cabelos curtinhos. Ele é uma criança que não gosta muito de abraços e toques, mas deixa cortar o cabelo sem problemas.

O Junior corta o cabelo curtinho. Ele contou que se lembra que quando era criança o seu cabelo não era tão grande. Mas no dia que resolveu deixar o cabelo grande foi bem difícil conseguir um lugar para trabalhar quando ele era adulto. Também tem Wall e Jaque que são adultos e seus cabelos black power brilham em vários penteados nos palcos de teatro desde quando eram adolescentes.

A Julia lembra que um dia na escola juntaram sua turma do 3º ano com a do 5º ano. Ela viu um menino entrando na sala com uma cabeça bem cheia de cabelos! Mas ele estava de cabeça baixa e outros meninos vinham atrás dele debochando do seu cabelo. Julia lembra que ele não falou nada.

Os meninos também têm várias histórias com seus cabelos com certeza! Vamos contar em um novo livro?



PARA CRIANÇAS E ADULTOS

"Eu não estou mais aceitando as coisas que eu não posso mudar. Eu estou mudando as coisas que não posso aceitar." (Angela Davis)

"Na minha cabeça o racismo nunca fez sentido. Nunca vai fazer. Eu acho que o racismo não deveria ter sido inventado e nem praticado por ninguém, nunca." (Julia Gomes, 10 anos)

Se você está vivendo alguma história que não te faz feliz tente conversar com alguém.

Experimente ler essas histórias pensando no que você faria. Ou conversando com alguém sobre o que poderiam fazer de diferente se estivessem no lugar de alguma pessoa das histórias. Use essas e outras histórias para transformar o mundo em um lugar melhor! Para que todos nós um dia sejamos tratados iguais.

~~Fim~~
(Fim, não...)

Por novos começos.

*Alice, Julia, Daniele e Eliane.
Março de 2021.*



Julia e Eliane

"Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quiser ir longe, vá acompanhado"

Provérbio africano



Alice e Daniele

"Não julgue pela aparência. Nem sempre as flores mais belas envolvem o melhor perfume"

Provérbio chinês

Certificado de Registro de Direito Autoral

A Câmara Brasileira do Livro certifica que esta obra encontra-se registrada nos termos e normas legais da Lei nº 9.610/1998 dos Direitos Autorais do Brasil. Conforme determinação legal, a obra aqui registrada não pode ser plagiada, utilizada, reproduzida ou divulgada sem a autorização de seu(s) autor(es).

Hash da transação:

0xf7a91caa02e078ba4d4c2d1409669a3e7874d0523c28a7d3064b12f2d3d6fa47

Hash do documento:

4d1fbfc66b97affaea3365222fb570127079bfb983c690ea040af0f0e52871a4



[Acesse o certificado digital](#)

Este livro, escrito por mulheres negras de diferentes gerações, é uma importante contribuição para a educação antirracista. Os comentários negativos que as crianças negras ouvem cedo sobre seus cabelos cacheados e os procedimentos a que são submetidas podem deixar marcas profundas por toda a vida. Não se trata somente de estética. O cabelo é um símbolo de identidade. Antigamente, na maioria das culturas africanas, o cabelo tinha um significado importante, inclusive espiritual, porque representava a comunicação da alma com os deuses.

Muitas pessoas negras estão fazendo uma transição capilar e assumindo seus cabelos naturais. Que as histórias, narradas neste livro, nos inspirem a compreender o significado dos cabelos black. É um convite para fazermos – cada um de nós – uma outra transição, uma mudança de mentalidade, que desconstrua preconceitos e valorize a estética negra. “A defesa da diversidade cultural é um imperativo ético, inseparável do respeito pela dignidade humana.” (UNESCO)

- **Viviane Manso Castello Branco**
(pediatra, sanitarista e professora)

Celebrando muitas e diferentes belezas...
Julia, Alice, Eliane e Daniele

Celebrando com vocês e agradecendo, a sensibilidade e riqueza de vivências e sentimentos que vocês contam neste livro e que calam fundo nos corações de tantas crianças e de pessoas de todas as idades.

Sim, Julia, o racismo não deveria fazer sentido para ninguém!

- **Irene Rizzini**
(CIESPI/PUC-Rio)

